

O massacre dos inocentes: a reacção das revistas *Veja* (Brasil) e *Visão* (Portugal) ao atentado contra a escola de Beslan¹

Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal) e Maria Érica de Oliveira Lima (Universidade Metodista de São Paulo e bolsreira Programa AlBan na Universidade Fernando Pessoa)²

Resumo

A 1 de Setembro de 2004, terroristas islâmicos chechenos e árabes, ligados à Al-Qaeda, invadiram uma escola na Ossétia do Norte, Rússia, num ataque planeado com vários meses de antecedência, fazendo 1200 reféns. A 3 de Setembro, as forças russas atacaram, após uma explosão no interior da escola e de os terroristas terem disparado contra um grupo de crianças fugitivas. Morreram centenas de reféns, incluindo centenas de crianças. A teoria do jornalismo explica que factores como os critérios de noticiabilidade e os enquadramentos levam a que atentados como esse se tornem notícia universal, pelo que este trabalho teve por objectivo descrever como as revistas *Veja* (Brasil) e *Visão* (Portugal) reagiram ao acontecimento, através de uma análise do discurso. Principal conclusão: O trauma alterou os papéis sociais rotineiros do jornalismo, em Portugal e no Brasil. Sem abdicar de uma função informativa, o jornalismo também foi veículo de excomunhão e condenação.

Palavras-chave: Jornalismo de revistas; terrorismo islâmico; crianças; análise do discurso; Portugal e Brasil.

1. Introdução

A 1 de Setembro de 2004, primeiro dia do novo ano escolar, sempre assinalado com celebrações, um grupo de terroristas³ islâmicos, em que se misturavam independentistas chechenos fundamentalistas ligados à Al-Qaeda, invadiu uma escola na cidade de Beslan, na República Federada Russa da Ossétia do Norte, fazendo cerca de 1200 reféns, entre os quais muitas crianças, reunidas para festejar o regresso à escola. O ataque foi premeditado e planeado com antecedência, pois se encontraram provas de que os terroristas esconderam armas e explosivos na própria escola, durante obras de remodelação que decorreram em Julho. Os reféns enfrentaram duras condições de cativeiro. Sem comida e sem água, as crianças foram obrigadas a beber a própria urina para não se desidratarem. Mulheres e adolescentes foram violadas pelos sequestradores, que armadilharam a escola com explosivos. A 3 de Setembro, pelas 13h (hora local), os terroristas islâmicos dispararam contra um grupo de crianças que tentou escapar, o que motivou a intervenção descoordenada e não planeada das forças russas e das milícias armadas formadas por familiares dos sequestrados.

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 - Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jorge Pedro Sousa, doutor em Ciências da Comunicação, é professor associado e pesquisador da Universidade Fernando Pessoa (Portugal), membro do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Portugal) e autor de vários livros (jpsousa@ufp.pt). Maria Érica Lima, mestre e doutoranda em Comunicação Social, é pesquisadora do Núcleo de “Mídia Local e Regional”, Umesp (merical@uol.com.br), e foi bolsreira AlBan na Universidade Fernando Pessoa.

³ Embora autores como Rubenstein (1987) argumentem que classificar um acto como “terrorismo” e os seus perpetradores como “terroristas” já envolva juízos de valor, usamos o termo porque o atentado de Beslán enquadra-se no conceito de terrorismo definido pelas Nações Unidas.

Ouviram-se, então, duas fortes explosões, e o tecto do ginásio, onde estavam concentrados os reféns, ruiu. Os sequestradores começaram também a disparar indiscriminadamente sobre os reféns. Ainda hoje não se sabe exactamente quantas pessoas morreram em Beslan, quer por causa da queda do tecto e das execuções dos reféns perpetradas pelos terroristas islâmicos, quer por causa da troca de tiros durante a intervenção das forças russas. Há estimativas que apontam para mais de 500 vítimas mortais, entre as quais três centenas de crianças. A notícia do sucedido rapidamente correu o mundo. Assim, este trabalho tem por objectivo analisar a forma como duas revistas gémeas, a *Visão* (Portugal) e a *Veja* (Brasil), de dois países lusófonos, reagiram ao acontecimento, tentando detectar semelhanças e diferenças na cobertura.

A relação entre terrorismo e meios jornalísticos tem sido explorada em vários estudos, entre os quais várias análises do discurso. O atentado de 11 de Setembro contribuiu para colocar o tema na agenda científica. Rudloff (2003), por exemplo, analisou como uma revista norte-americana (*Time*) e uma revista canadiana (*MacLean's*) cobriram o terrorismo entre Setembro de 2001 e Setembro de 2002, tendo descoberto que ambas se orientaram discursivamente para uma postura “hós vs. eles”, apesar de a *Time* dar mais espaço a Osama bin Laden. Zaharopoulos (2004), por seu turno, descobriu, ao comparar a cobertura do grupo terrorista grego N17 feita pelo jornal norte-americano *The New York Times* com a feita pelo jornal canadiano *The Toronto Star*, que o diário nova-iorquino dava mais espaço do que o canadiano às fontes do governo norte-americano. Curiosamente, a diferença mais relevante entre esses jornais encontrava-se no “retrato” da Administração norte-americana e não no retrato do Governo grego, sendo que *The Toronto Star* enquadrava mais negativamente a Administração norte-americana do que *The New York Times*, seja devido às fontes, seja devido ao “anti-americanismo” latente em diversos países ocidentais. O autor encontrou, ainda, uma outra diferença entre os jornais no que respeita à cobertura das vítimas do terrorismo, empregando o jornal nova-iorquino mais expressões negativas para os terroristas do que o jornal canadiano quando em causa estavam vítimas norte-americanas, o que não acontecia quando as vítimas tinham outra nacionalidade. Zaharopoulos (2004: 38) explica, porém, que o grupo terrorista grego 11N tem cidadãos norte-americanos por alvos, mas não cidadãos canadianos.

Antes de 11 de Setembro o terrorismo já tinha merecido a atenção de vários analistas do discurso. Atwater (1991), por exemplo, descobriu que a cobertura televisiva da crise dos reféns de um voo da TWA, em 1985, foi extensiva, dramática e reactiva, tendo sido dada pouca atenção à exploração do contexto libanês e das razões dos seqüestradores. Wittebols (1992) comparou a cobertura do terrorismo por televisões canadianas e norte-americanas, tendo descoberto que se orientavam para uma postura “nós vs. eles” e que quanto mais afastada da linha da Administração norte-americana fosse a política internacional dos estados, mais negativamente estes eram representados, havendo essencialmente três macro-enquadramentos temáticos na cobertura: “nós somos as vítimas, eles são

os terroristas”, “os Estados Unidos tentam fazer o bem no mundo” e “o terrorismo é o resultado de mentes irracionais e não de condições objectivas”. Similarmente, Weimann (1985) descobriu que o afastamento em relação aos interesses norte-americanos era a condição principal para uma classificação negativa dos terroristas nos *media* norte-americanos. Simmons (1991), por seu turno, analisou a cobertura do terrorismo em três revistas norte-americanas, entre 1980 e 1988, observando que quando norte-americanos se encontravam entre as vítimas de actos terroristas os perpetradores eram classificados como terroristas 80% das vezes, mas quando as vítimas não eram americanas só 51% das vezes os perpetradores eram classificados como terroristas. Simmons, porém, não encontrou evidências de que as revistas classificassem mais negativamente os terroristas quando os actos destes eram contrários aos interesses norte-americanos, havendo uma certa constância no enquadramento negativo do terrorismo independentemente da sua orientação. Dois outros autores, Picard e Adams (1991), ao analisarem as representações discursivas dos actos de violência, mostraram que, nos meios analisados (e durante o período de análise), os jornalistas e as testemunhas tendiam a fazer descrições menos interpretadas dos actos violentos do que as autoridades e que as descrições dos acontecimentos eram mais neutras do que as dos perpetradores.

Em consonância com o exposto, o presente trabalho tem por objectivo descrever e interpretar a forma como duas revistas lusófonas de referência, a brasileira *Veja* e a portuguesa *Visão*, noticiaram o atentado de Beslan, verificando se a cobertura foi enviesada, dramatizada e personalizada, e desvelar os enquadramentos usados para situar e interpretar o acontecimento.

Face ao objectivo equacionado para a presente pesquisa, elegeu-se a análise de conteúdo como método, utilizando-se como unidade a matéria individual que referisse directa ou indirectamente o atentado. A informação foi, assim, classificada em número de matérias e em cm² (arredondados às unidades) por várias categorias definidas *a priori*, conforme é aconselhado neste tipo de pesquisa (cf. Marques de Melo et. al., 1999: 4; cf. Marques de Melo, 1972). No caso particular das fontes, a informação foi categorizada por número de referências às fontes e número de frases citadas. Assim, as variáveis dependentes do presente estudo foram, simultaneamente, as matérias sobre o atentado, medidas nominalmente e por nível de razão (em cm²), e as referências às fontes e frases citadas.

A definição das categorias para a análise de conteúdo foi feita tomando em consideração que essa mesma análise procuraria testar várias hipóteses, sustentadas pela teoria do jornalismo:

Hipótese 1: O elevado grau de noticiabilidade do atentado, decorrente da confluência de vários critérios de noticiabilidade e outros factores, relevaram o atentado entre a informação.

Hipótese 2: A brutalidade do atentado centralizou a cobertura no próprio evento, embora o papel tradicional da imprensa escrita de referência como provedora de análises e informação mais extensa tenha temperado as notícias duras com matérias de contexto e argumentação.

Hipótese 3: O carácter brutal do atentado promoveu a informação noticiosa.

Hipótese 4: A facilidade de acesso, por um lado, e a necessidade de saber o que se passava e de referenciar a “visão local” sobre o acontecimento, por outro, impuseram o recurso equilibrado a fontes portuguesas (*Visão*), brasileiras (*Veja*), russas e chechenas.

Hipótese 5: As fontes oficiais são dominantes.

Hipótese 6: As fotografias jornalísticas reforçaram os enunciados verbais.

Foram analisadas quantitativamente as primeiras edições das revistas *Veja* e *Visão* logo após o atentado, em concreto a revista *Veja* do dia 8 de Setembro de 2004 e a revista *Visão* do dia 9 de Setembro de 2004. Embora para efeitos de quantificação do destaque dado ao atentado se tenham analisado globalmente os números das publicações atrás referidas, o objecto de estudo específico resumiu-se às matérias que referenciaram directa ou indirectamente o atentado.

As matérias foram classificadas pelos dois pesquisadores, sendo que a aferição de fiabilidade inter-codificadores foi em todos os casos necessários feita em função do conjunto de matérias codificadas.

Os dados das primeiras páginas foram contabilizados em separado, pelo que todos os dados abaixo que não mencionem o facto de se tratarem de dados recolhidos das primeiras páginas devem ser considerados como dados provenientes do corpo das revistas.

2. Análise quantitativa

A análise quantitativa revela que as revistas tiveram um comportamento editorial relativamente consonante, embora sejam de assinalar algumas diferenças entre elas.

Quadro 1
Destaque dado ao atentado nas primeiras páginas

	<i>Veja</i>	<i>Visão</i>
Total de chamadas informativas	1	2
Chamadas sobre o atentado	1	1
% chamadas sobre o atentado	100	50
Espaço informativo total (cm ²)	538	548
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	538	509
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	100	92,9

Pode observar-se, pelos dados expostos no quadro 1, que o atentado mobilizou a atenção informativa de ambas as revistas, com a *Veja* a dedicar-lhe a totalidade da primeira página e a *Visão* a ceder-lhe quase 93% da superfície da “um”. Por um lado, os resultados mostram que para ambas as revistas e para os seus jornalistas o atentado constituiu o assunto mais importante da actualidade, possivelmente devido a transnacionalidade e transorganizacionalidade dos critérios de noticiabilidade (o que sugere que os jornalistas portugueses e brasileiros partilham traços culturais); por outro lado, se os meios têm a capacidade de definir simbolicamente a importância de um acontecimento e a gravidade de uma crise, então é visível que o atentado foi socialmente comunicado através das duas revistas como sendo uma crise grave, provavelmente por estabelecer um novo patamar no terror e na conceptualização do desvio às normas (culturais) de convivência social: a violência maciça contra crianças. Os brasileiros e portugueses leitores das revistas consumiram, assim, mensagens formalmente similares.

Quadro 2
Destaque dado ao atentado no corpo das revistas

	<i>Veja</i>	<i>Visão</i>
Total de matérias	105	108
Matérias sobre o atentado	4	9
% matérias sobre o atentado	3,8	8,3
Espaço informativo (cm ²)	46 806	49 320
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	8 592	7 040
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	18,4	15,4

De dimensão e volume semelhantes, as revistas concederam ao atentado um espaço informativo similar, com primazia da *Veja*. 18,4% da superfície informativa da *Veja* e 15,4% da superfície informativa da *Visão* foram dedicados ao atentado, o que reforça os dados do quadro 1, que apontam para a elevada importância simbólica concedida a esse acontecimento. Porém, pode dizer-se que enquanto a *Veja* se apresentou ao leitor com uma informação pouco fraccionada (a cobertura do atentado fez-se com quatro matérias, ocupando 8592 cm²), a *Visão*, embora tivesse incluído uma matéria central unificadora da cobertura, segmentou mais a informação (nove matérias, ocupando 7040 cm²).

Quadro 3

Destaque dado ao atentado no contexto da informação internacional

	<i>Veja</i>	<i>Visão</i>
Matérias internacionais	23	30
Matérias sobre o atentado	4	9
% matérias sobre o atentado	17,4	30
Espaço informativo internacional (cm ²)	18 375	15 173
Espaço dedicado ao atentado (cm ²)	8 592	5 944
% espaço dedicado ao atentado (cm²)	46,8	38,2

Se o atentado se relevou factual e simbolicamente no contexto da totalidade da informação, no âmbito da informação internacional o seu relevo acentua-se ainda mais, em ambas as revistas. Similarmente, enquanto a *Veja* dedica ao acontecimento 46,8% do espaço dedicado à informação internacional, a *Visão* concede-lhe 38,2% do espaço informativo internacional. Porém, o fraccionamento da cobertura dá à *Visão* uma maior percentagem de matérias sobre o atentado (30%) no contexto da informação internacional, ficando-se a *Veja* pelos 17,4%.

Quadro 4

Temáticas da cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Atentado	2	50	6 440	75	2	25	4 573	76,9
Reacções verbais	0	0	0	0	0	0	0	0
Contexto, consequências e repercussões	2	50	2 152	25	2	25	675	11,4
Consequências para a comunicação social	0	0	0	0	1	12,5	107	1,8
Autores do atentado	0	0	0	0	2	25	301	5,1
Voz editorial e argumentação em geral	0	0	0	0	1	12,5	288	4,8

Pi= 1

As revistas apresentam algumas semelhanças na centralidade informativa concedida ao atentado em si (ou seja, ao que ocorreu). Tal facto correlacionar-se-á com o grau de choque que o acontecimento provocou nas sociedades portuguesa e brasileira. Os jornalistas de Portugal e do Brasil, antes de mais, vivem no seio das respectivas sociedades e culturas (de matriz ocidental), pelo que terão percebido o atentado como um acontecimento profundamente desviante em relação às normas vigentes em ambas as sociedades. O choque e a comoção terão levado as revistas a responderem primeiramente ao “*como?*”, cumprindo, assim, o seu papel de relembrar os eventos e fazer o luto, conforme pretende Herman (1992: 15).

O segundo vector de cobertura em ambas as revistas, com destaque para a *Veja*, recaiu na resposta a “*porquê?*”, o que significou explorar o contexto da situação. Ter uma explicação para acontecimentos traumáticos e violentos, inclusivamente por motivos de segurança pessoal, parece ser recorrente entre os seres humanos e, conseqüentemente, entre os meios jornalísticos, conforme se descortina pela cobertura de vários atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b).

A *Visão*, que fragmentou mais a cobertura do acontecimento, aproveitou para caracterizar, com intenções contextuais, os assassinos nacionalistas chechenos e fundamentalistas islâmicos que perpetraram o acto (resposta a “*quem?*”), e lembrou a política do Kremlin, que procura restringir a liberdade (real) de imprensa no caso do conflito checheno, por vezes por meios obscuros e envidados.

Há que referir, por outro lado, que a *Visão* foi mais contida na expressão de revolta sobre o que aconteceu. Enquanto a *Veja* misturou, em grande medida, a expressão da revolta do jornalista com o relato noticioso, a *Visão* autonomizou a única matéria essencialmente argumentativa que publicou. A *Veja*, neste particular, denotou uma mais vincada *latinidade* na cobertura, enquanto a *Visão* procurou seguir mais a via de separação entre notícia e comentário, aberta pelo jornalismo noticioso anglo-saxónico. Há que referir, inclusivamente, que a própria matéria de fundo da *Visão* sobre o atentado foi um exclusivo da revista norte-americana *Time*.

Ao contrário do sucedido com jornais diários na cobertura de atentados (Sousa, 2004; Sousa, 2004 b), as revistas não procuraram difundir reacções verbais ao acontecimento, o que evidencia as diferenças nas rotinas profissionais entre diários e revistas semanais, que apresentam formas diferentes de reagir ao inesperado e, até certo ponto, de o rotinizar.

Quadro 5

Géneros textuais usados na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm ²)	%
Matérias noticiosas	2	50	6 440	75	3	37,5	4 680	78,7
Matérias argumentativas ou analíticas	0	0	0	0	1	12,5	288	4,8

Matérias documentais	2	50	2 152	25	4	50	976	16,5
----------------------	---	----	-------	----	---	----	-----	------

Pi = 1

As matérias noticiosas são predominantes em ambas às revistas, ocupando 75% do espaço informativo concedido ao atentado na *Veja* e 78,7% na *Visão*. O elevado grau de desvio do acontecimento em relação ao que é visto como sendo normal em sociedades de matriz cultural essencialmente ocidental, como a portuguesa e a brasileira, aliado à surpresa e ao choque, poderá constituir o conjunto de razões que estiveram na base do fenómeno. Houve que recordar *o que aconteceu* e *como aconteceu* para, posteriormente, se fazer o luto. Houve que recordar *o que aconteceu* e *como aconteceu* para, só depois, se buscarem explicações para o acontecimento.

De qualquer modo, a predominância das matérias noticiosas está também relacionada com o principal papel do jornalismo em sociedade: informar. Recorde-se, por exemplo, o argumento de autoridade de Michael Schudson (2002: 43), para quem o jornalismo que descarta a informação não tem condições para sobreviver. A essa explicação pode acrescentar-se a interpretação de Traquina (2001: 98), na linha de Tuchman (1978), segundo a qual o jornalismo se direcciona para os acontecimentos em detrimento das problemáticas devido ao valor do imediatismo e à “definição de jornalismo como relatos actuais sobre acontecimentos actuais”. O factor tempo (Schlesinger, 1977), o papel da cronamentalidade na cultura jornalística (Schudson, 1986 a; Schudson, 1986 b), o ciclo temporal diário de produção rotineira de informação, que culmina no fecho (Traquina, 2001), as expectativas da audiência (Sousa, 2000) são factores que também contribuirão para esse direccionamento do processo jornalístico para os acontecimentos e não para as problemáticas e, por consequência, para a informação noticiosa em detrimento de outros tipos de informação.

Quadro 6

Nacionalidade das fontes usadas na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Brasileira	0	0	0	0	0	0	0	0
Portuguesa	0	0	0	0	0	0	0	0
Russa (e osseta)	1	50	1	50	16	80	19	70,4
Chechena	0	0	0	0	4	20	8	29,6
Internacionais	1	50	1	50	0	0	0	0
Mundo Ocidental	0	0	0	0	0	0	0	0
Países islâmicos	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0
Indeterminadas	0	0	0	0	0	0	0	0

Conforme é visível pelo quadro 6, as revistas tiveram um comportamento dissonante no que respeita à utilização de fontes, pois a *Veja* apenas apresenta duas citações de outras tantas fontes, enquanto a *Visão* é mais polifónica, devido ao potencial trazido pela *facilidade de acesso às fontes*, que decorreu da existência de um jornalista da *Time* no *espaço do acontecimento*. De qualquer maneira, as revistas procuraram, na medida do possível, oferecer aos leitores uma *visão autóctone*

do acontecimento, citando fontes locais russas e ossetas (em especial a *Visão*), o que ajuda a credibilizar e a certificar a informação. Ao *indicar o caminho e o esforço do jornalista* na pesquisa de informação (as notícias dão pistas do trabalho jornalístico), a citação de fontes relevantes também significa uma *aposta na qualidade* do produto jornalístico. Por outro lado, é de destacar que as revistas não seguiram o caminho mais fácil e rotineiro, que seria recorrer, essencialmente, a fontes nacionais, devido à facilidade de acesso.

Quadro 7

Tipologia das fontes usadas na cobertura do atentado

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de referências	%	N.º de frases	%	N.º de referências	%	N.º de frases	%
Fontes “oficiais”	0	0	0	0	3	15,8	6	20,6
Autores do atentado e apoiantes	0	0	0	0	4	21	8	29,5
Especialistas e comentadores	1	50	1	50	2	10,5	3	10,6
Religiosos	0	0	0	0	0	0	0	0
Fontes jornalísticas	1	50	1	50	0	0	0	0
Populares	0	0	0	0	10	52,7	11	39,3
Outras fontes e fontes anónimas	0	0	0	0	0	0	0	0
Crianças	0	0	0	0	0	0	0	0
Sequestrados	0	0	0	0	10	52,7	11	39,3

Se bem que a teoria do jornalismo aponte para o tendencial predomínio de fontes “oficiais” nas notícias, a cobertura do atentado pela *Veja* e pela *Visão* foi marcada pela atenção concedida a outras fontes, embora, na *Visão*, as fontes “oficiais” também tenham sido auscultadas (15,8% das referências e 20,6% das frases de fontes). A *Visão*, revista que cita mais fontes e em maior quantidade, cita, sobretudo, na primeira pessoa, uma popular que viveu o drama do sequestro, mas escapou viva (52,7% das referências, 39,3% das frases), o que funcionou como um tocante manifesto de condenação dos terroristas e do terrorismo por uma das suas próprias vítimas. Esta opção, embora tenha decorrido das *condições de acesso às fontes* (a *Time*, revista que cedeu a matéria principal que a *Visão* publicou, teve, como se disse, um jornalista no *espaço do acontecimento*), permitiu ganhos de *autenticidade* e *vivacidade* na cobertura e de *realismo* no relato. Desse modo, torna-se notório que *as condições de acesso às fontes condicionam a qualidade (e a polifonia) da cobertura*, sendo que o acesso às fontes depende da existência e das condições de actuação de jornalistas no *espaço do acontecimento*, que podemos definir como o *espaço físico, social e temporal onde o acontecimento e as interacções sociais que este gera têm lugar*. De qualquer maneira, é de realçar que, embora eventualmente carentes de informação, as revistas não caíram na tentação fácil e rotineira de auscultar as “fontes oficiais”, designadamente os detentores

de poder político, sobre o acontecimento, indiciando que, pelo menos em ocasiões de crise e choque, nem sempre se rotiniza totalmente o inesperado, havendo espaço para a fuga às rotinas.

De realçar que as crianças, vítimas principais de um acto terrorista inconcebível no quadro da civilização ocidental (onde a violência contra as crianças pode ser vista como a última fronteira do terror e da barbárie), não tiveram voz em nenhuma das revistas, embora esta circunstância também possa ter decorrido de preocupações éticas dos jornalistas, que procuraram não molestar as crianças e protegê-las na sua dor e sofrimento.

Destaque ainda para o facto de a *Visão* ter referido os terroristas, embora essencialmente para mostrar como eles foram cruéis com as suas vítimas indefesas.

Quadro 8
Relevância da informação visual sobre o atentado

<i>Veja</i>		<i>Visão</i>	
Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual	Espaço ocupado por informação visual	% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual
4 643	54	2 413	28,1

Os dados do quadro 8 evidenciam que a *Veja* foi muito mais gráfica e visual do que a *Visão* na cobertura do atentado, com quase 54% do espaço dedicado ao atentado ocupado por informação visual. No entanto, pode dizer-se que ambas as revistas aproveitaram a informação visual, designadamente infográficos e fotografias jornalísticas, enquanto modalidades discursivas próprias e identitárias do jornalismo impresso, já que as imagens aportam informação e facilitam a compreensão (Sousa, 1998). Além disso, como as imagens tendem a assinalar e destacar os enunciados verbais, pode dizer-se que a cobertura que as revistas fizeram do atentado foi *enfática*, no sentido de que as imagens contribuíram para reforçar, simultaneamente, a importância do acontecimento e da cobertura. As fotografias, *facultando o direito a ver*, permitiram também um maior *entranhamento* e *compreensão* do choque e do terror, mostrando as circunstâncias do sequestro e do ataque aos terroristas, as feições aterrorizadas das crianças, a dor profunda das mães que encontravam os seus meninos e meninas mortos e das pessoas que choravam e lamentavam a perda dos seus entes mais queridos e inocentes.

Registe-se que é de colocar a hipótese de a percentagem de espaço concedida pela *Veja* à cobertura visual do acontecimento decorrer também da ausência de informação relevante para o texto. Inclusivamente, como mostramos na análise qualitativa, a *Veja* misturou mais informação com argumentação do que a *Visão*, o que pode ter decorrido, exactamente, dessa hipotética ausência de informação com valor noticioso.

Quadro 9
Tipo de informação visual

<i>Veja</i>			<i>Visão</i>		
	Espaço	% no espaço		Espaço	% no espaço

	N.º	ocupado (cm ²)	ocupado por informação visual	N.º	ocupado (cm ²)	ocupado por informação visual
Fotografias*	18	4 393	94,6	21	2 326	96,4
Infográficos	3	250	5,4	2	87	3,6
Ilustrações	0	0	0	0	0	0

Em articulação com os dados do quadro 8, o quadro 9 mostra que ambas as revistas privilegiaram a fotografia entre os dispositivos de informação visual, embora tenham recorrido também aos infográficos. Pode concluir-se que a existência de imagens fortes, a capacidade que a fotografia tem de fazer do leitor uma testemunha indirecta dos acontecimentos, facultando o *direito a ver*, e o elevado potencial de dramatização visual do acontecimento geraram o predomínio da fotografia entre os dispositivos de informação visual, como é corrente no jornalismo impresso.

É de referir, tal como é identitário das revistas generalistas de informação geral, que todas as fotografias inseridas eram coloridas (mais icónicas e realistas), com excepção de uma pequena imagem de arquivo de outro atentado, captada por uma câmara de segurança, publicada na *Visão*. Porém, algumas das fotografias eram fotografias de fotografias a preto-e-branco, o que para além de apelar a ideia de sobriedade e luto provoca uma certa sensação de estranheza.

Quadro 10

Conteúdos da foto-informação sobre o atentado (tema principal das fotos)

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Mortos e luto	1	5,5	530	12,1	7	33,3	754	32,4
Atentado e socorros	11	61,1	2 822	64,3	8	38,1	1 326	57
Terroristas	1	5,5	252	5,7	3	14,3	83	3,6
Políticos	1	5,5	226	5,1	0	0	0	0
Outros atentados (arquivo)	4	22,2	563	12,8	1	4,8	18	0,8
Outros conteúdos	0	0	0	0	2	9,5	145	6,2
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são temas	9	50	2 090	47,6	13	61,9	2 050	88,1

Pi = 1

O elevado grau de dramatismo visual das fotos do atentado e dos mortos e do luto por eles colocou-as no centro da cobertura em ambas as revistas, conforme se observa pelo quadro 10, com percentagens que, em conjunto, quer em espaço ocupado quer em número de fotografias, atingem sempre valores que rondam os 70% a 90%. As crianças, assustadas ou mesmo mortas e feridas, centralizam, aliás, a cobertura visual do atentado em ambas as revistas, emprestando-lhe *carga dramática* e contribuindo, certamente, para chocar, horrorizar e *revoltar* os leitores.

As fotografias fixaram as expressões das crianças assustadas, as feições marcadas pela dor, os mortos em sacos de plástico, as crianças cheias de sangue, a angústia dos socorristas com crianças inconscientes, quiçá mortas, ao colo, a mão ensanguentada de uma criança morta segurando ainda uma pequena cruz (apelando à ideia de oposição do Cristianismo das vítimas contra o Islão dos

algozes)... Pode, assim, dizer-se que ambas as revistas aproveitaram, essencialmente, fotografias relacionadas com o atentado em si, optando por fruir do valor testemunhal das fortes imagens fotográficas do acontecimento e das vítimas e traumas que este causou. Foi, desse modo, valorizado o evento em si mesmo, os socorros, os feridos, os mortos, em detrimento de outros enquadramentos.

De destacar, porém, a recuperação de informação visual sobre outros atentados, o que contribui, a par do texto, para enquadrar o ataque contra as crianças de Beslan na longa lista de atentados dos terroristas chechenos e dos fundamentalistas islâmicos, bem como, simultaneamente, para o enquadrar na lista dos actos de violência contra crianças. Esses enquadramentos visuais, que reforçam, ademais, os enquadramentos textuais, agravam simbolicamente a *culpa* dos terroristas, ao mesmo tempo que cria alvos visuais de condenação e excomunhão, cuja identificação é reforçada pela inclusão, em ambas as revistas, de fotografias de terroristas islâmicos.

Finalmente, é de salientar que o elevado grau de choque suscitado pelas imagens poderá ter contribuído para fomentar sensações de insegurança, incompreensão e estupefacção entre os leitores.

Quadro 11
Dimensão das fotos e enquadramento temático

	<i>Veja</i>				<i>Visão</i>			
	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho superior a meia página	%	N.º de fotos de tamanho inferior a meia página	%
Mortos e luto	1	5,5	0	0	0	0	7	33,3
Atentado e socorros	5	27,8	6	33,3	1	4,8	7	33,3
Terroristas	1	5,5	0	0	0	0	3	14,3
Políticos	1	5,5	0	0	0	0	0	0
Outros atentados	1	5,5	3	16,7	0	0	1	4,8
Outros conteúdos	0	0	0	0	0	0	2	9,5
Fotos em que crianças feridas, mortas ou assustadas são temas	3	16,7	6	33,3	1	4,8	12	57,1

A informação sistematizada no quadro 11 reforça as ideias atrás apresentadas de que a cobertura se centrou no atentado em si e nos socorros, já que a maioria das fotos de dimensão superior a meia página inserida na *Veja* e a única fotografia de dimensão superior a meia página publicada pela *Visão* se integram nessa categoria. Os dados da tabela 11 reforçam também a ideia de que, no que respeita à cobertura do acontecimento, a *Veja* apostou mais na informação fotojornalística do que a *Visão*, eventualmente devido às dificuldades de cobertura do acontecimento.

O elevado número de fotografias em que as *crianças-vítimas* são tema pode contribuir para chocar e sensibilizar o leitor. Mas essas imagens concorrem também, certamente, para a (re)construção e visualização mental do arquétipo da *criança-vítima*, que, com a figura do *terrorista islâmico*

checheno, constituem os dois arquétipos mais solidamente construídos e projectados por ambas as revistas.

Quadro 12
Personagens nas fotos sobre o atentado

	<i>Veja</i>		<i>Visão</i>	
	N.º de aparições	%	N.º De aparições	%
Mortos	22	15,9	86	67,7
Feridos	27	19,6	7	5,5
Sequestrados	24	17,4	4	3,2
Populares	25	18,1	16	12,6
Terroristas	1	0,7	5	3,9
Políticos	1	0,7	0	0
Socorristas, soldados, milicianos e agentes das forças de segurança	38	27,5	9	7,1
Outras	0	0	0	0
Crianças mortas, feridas, assustadas e sequestradas	31*	22,5	23*	18,1

*Grande parte dos mortos está dentro de sacos pretos, o que impede verificar se são crianças.

Consolidando interpretações já explicitadas anteriormente, os dados do quadro 12 reforçam a ideia de que a informação fotográfica de ambas as revistas se orientou para as vítimas, ficando os outros autores do acontecimento, designadamente os terroristas, relativamente na bruma. Outros agentes do espaço público informativo, em especial os detentores do poder político, também foram algo ignorados, mostrando que, pelo menos em ocasiões de choque, nem sempre os jornalistas se apegam às rotinas que intensificam a presença das “fontes oficiais” nas notícias, incluindo nas foto-notícias (há sempre espaços de fuga às rotinas). Mortos, feridos e sequestrados do atentado de Beslan e de outros atentados (no caso das fotografias de arquivo recuperadas com novo enquadramento) constituem, na *Veja* e na *Visão*, a maioria das personagens presentes nas fotos, sendo a *Visão* particularmente *foto-necrófila*.

3. Conclusões

Tendo em conta os dados acima apresentados, pode-se concluir que as revistas *Veja* e *Visão* tiveram um comportamento parcialmente semelhante e também diferente, o que poderá estar relacionado com as circunstâncias mercadológicas e sócio-culturais (*nacionais* e *profissionais*) que influenciam o posicionamento editorial de cada uma:

No que respeita às hipóteses de pesquisa inicialmente colocadas e às perguntas de investigação correlatas, os dados obtidos na *análise quantitativa* permitem concluir o seguinte:

- a) O elevado grau de valor-notícia do atentado foi suficiente para relevar a sua cobertura no conjunto do noticiário, em particular do noticiário internacional e nas primeiras páginas, pelo que pode aceitar-se a primeira hipótese;

b) A cobertura centrou-se nos acontecimentos que compuseram o macro-acontecimento “atentado” (acontecimento, autores, reacções...), mas as revistas estudadas providenciaram também matérias argumentativas e contextuais, pelo que a segunda hipótese pode aceitar-se embora com algumas reservas;

c) A informação noticiosa foi predominante, apesar de as revistas, cumprindo o seu estatuto de revistas informativas de referência (informam do que as pessoas “devem saber” e não apenas do que as pessoas “querem saber”), incluírem matérias documentais e argumentativas. Assim, a terceira hipótese pode aceitar-se, apesar de o relato se ter centrado mais no acontecimento do que nas problemáticas.

d) No que respeita à citação de fontes, as revistas não tiveram um comportamento uniforme, com a *Veja* a citar poucas fontes (especialistas) e a *Visão* a adoptar uma atitude mais polifónica, dando espaço, por exemplo, às vítimas, o que reforça a sensação de *autenticidade* da cobertura. De realçar, também, a fuga às rotinas, o escape à rotinização do inesperado, patente na libertação das revistas da tirania da auscultação das “fontes oficiais”, designadamente dos detentores do poder político, normalmente sempre ouvidos nestas ocasiões.

e) A fotografia foi usada estruturalmente por ambas as revistas, em especial pela *Veja*, que, nesse pormenor, seguiu a linha das revistas visuais dos anos trinta. As fotografias tiveram, em ambas as publicações, o papel de reforço dos enunciados verbais, já que deram ao leitor a hipótese de (re)ver em imagens fixas as vítimas (em particular as crianças), os esforços para as salvar e as consequências do atentado e, conseqüentemente, deram-lhe também a oportunidade de se comover com o cenário e participar na condenação e excomunhão dos perpetradores do acto. Porém, visto de outro prisma, a espectacularização das fotos e de alguns textos e a sua centralização na *criança-vítima*, social e culturalmente determinada, contribui também para as notícias venderem, pois neste aspecto, tragicamente, as “melhores vítimas” são as crianças.

Finalmente, socorrendo-nos de dados obtidos por uma leitura transversal e qualitativa das matérias de ambas as revistas, é possível concluir, ainda, que a principal diferença entre a *Veja* e a *Visão* residiu no vigor colocado na condenação do atentado, mesmo em matérias predominantemente noticiosas. A *Veja*, sem complexos, condena o atentado e excomunga os seus autores, percebidos como *dementes*, mesmo nas matérias intencionalmente noticiosas; a *Visão* não condena directamente o atentado nas matérias noticiosas (a condenação é, porém, construída indirectamente a partir dos termos usados para classificar o acto e os seus autores), embora um colunista o faça num dos espaços de opinião e análise da revista. Todavia, a condenação do acto construída a partir do discurso da *Visão* é atenuada pela denúncia que a revista faz da censura do Presidente Putin à imprensa, das políticas do Kremlin para o Cáucaso e a Chechénia e da actuação violenta e corrupta das forças russas neste território, matérias que a *Veja* aflora sem vincar.

Bibliografia

- ATWATER, T. "Network evening news coverage of the TWA hostage crisis". In: ALALI, A. O; EKE, K. K. (Eds): *Media Coverage of Terrorism: Methods of Diffusion*. Newbury Park: Sage, 1991. pp.63-72.
- BELL, A.; GARRETT, P. (Eds.). *Approaches to Media Discourse*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- CRENSHAW, M. (Ed.). *Terrorism, Legitimacy and Power*. Middletown: Wesleyan University, 1993.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Media Discourse*. London: Arnold, 1995.
- FOWLER, R. *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge, 1991.
- HERMAN, J. *Trauma and Recovery*. New York: Basic Books, 1992.
- KARIM, K. Making sense of the "Islamic Peril": Journalism as cultural practice. In: ZELIZER, B.; ALLAN, S. (Eds.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. pp.101-116.
- MARQUES DE MELO, J. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.
- MARQUES DE MELO, J.; FADUL, A.; ANDRADE, A.; GOBBI, M.C. O Mercosul na imprensa do Mercosul. (Projecto de pesquisa). Texto policopiado, 1999.
- SCHLESINGER, P. Newsmen and their time machine. *The British Journal of Sociology*. No. 28 (3), 1977.
- SCHLESINGER, P. "Rethinking the sociology of journalism: Source strategy and the limits of media-centrism". In: FERGUSON. *Public Communication: The New Imperatives*. London: Sage, 1990.
- SCHUDSON, M. What time means in a news story. *The Gannett Center for Media Studies Occasional Papers*, No. 4, 1986a.
- SCHUDSON, M. Deadlines, datelines, and history. In: MANOFF, R. K. e SCHUDSON, M. (Eds.): *Reading the News*, New York: Pantheon Books, 1986b.
- SCHUDSON, M. Por que é que as notícias são como são. *Comunicação e Linguagens*. No. 8, 1988. pp.17-27.
- SCHUDSON, M. "What's unusual about covering politics as usual" In: ZELIZER, B. e ALLAN, S. (Eds.). *Journalism after September 11*. New York: Routledge, 2002. pp. 36-47.
- SIMMONS, B.K. "U. S. newsmagazines' labeling of terrorists". In: ALALI, A.O. e EKE, K.K. (Eds). *Media Coverage of Terrorism: Methods of Diffusion*. Newbury Park: Sage, 1991. pp. 23-39.
- SOUSA, J.P. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000b.
- SOUSA, J.P. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra: Minerva Editora, 2000.
- SOUSA, J.P. "A reacção da imprensa de referência portuguesa ao Golpe de Estado de Julho de 2003 em São Tomé e Príncipe". [On-line]. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. 2003.

SOUSA, J.P. “O dia depois. A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid”. *Comunicação ao III Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos*. Santiago de Compostela, Espanha, 2004.

SOUSA, J.P. Fábrica de heróis: a reacção da imprensa portuguesa de referência à morte de Sérgio Vieira de Mello. *Comunicação ao XXVII Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM – NP. Jornalismo*. Porto Alegre, 2004.

TRAQUINA, N. As notícias. *Revista de Comunicação e Linguagens*. No. 8, 1988. pp. 29-46.

TRAQUINA, N. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, N. *Jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAQUINA, N. *A tribo jornalística*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

TUCHMAN, G. Telling stories. *Journal of Communication*. No. 26 (4), 1976.

TUCHMAN, G. *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press, 1978.

WEIMANN, G.; BROSIUS, H.B. “The newsworthiness of international terrorism”. *Communication Research*, 18, 1991. pp. 333-355.